

Motivações e desafios de pesquisadores fisioterapeutas no exterior

Motivations and challenges of physiotherapy researchers abroad

Maíra Izzadora Souza Carneiro¹, Lorena Melo², Águida Foerster³, Kátia Monte-Silva⁴

¹Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil. Università degli Studi di Milano-Bicocca, Milão, Itália. ORCID: 0000-0001-9549-7272. mairasouza77@gmail.com

²Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

Leibniz-Institut für Arbeitsforschung an der TU Dortmund (ifADo), Dortmund, Alemanha. ORCID: 0000-0002-9765-9391. lorenafdemelo@gmail.com

³Leibniz-Institut für Arbeitsforschung an der TU Dortmund (ifADo), Dortmund, Alemanha.

Universitätsmedizin Göttingen - Georg-August Universität, Göttingen, Alemanha. ORCID: 0000-0003-0783-9098. foerster.as@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil. ORCID: 0000-0001-7301-2553. monte.silvakk@gmail.com

Apesar dos sucessivos cortes orçamentários ao setor, é indiscutível o crescimento da ciência brasileira nas últimas quatro décadas. Tal crescimento deve-se principalmente ao papel das pós-graduações na formação de pesquisadores¹. Segundo relatório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), só nos últimos quatro anos o Sistema Nacional de Pós-Graduação cresceu 25%, com dados absolutos apontando para a criação de 838 novos programas². Com as diretrizes de internacionalização dos programas de pós-graduações, grande tem sido o interesse dos pesquisadores em formações no exterior. Tal interesse é visível diante do crescente número de pedidos de bolsas para o exterior junto à CAPES e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), principais órgãos de fomento para pesquisa do país. Em 2017, mais de 600 bolsas para doutorado e pós-doutorado no exterior foram concedidas pelas agências³.

Com 22 anos de existência e 20 programas reconhecidos pela CAPES⁴, a Pós-Graduação em Fisioterapia também tem impulsionado o interesse do fisioterapeuta por formação no exte-

rior. O desejo de trabalhar em laboratórios de ponta em outro país, de vivenciar a dinâmica de trabalho em um grupo de pesquisa renomado ou apenas de ampliar horizontes e experiências são alguns dos motivos que atraem pesquisadores fisioterapeutas ao exterior. Outra grande motivação do profissional é avançar no pensamento crítico-científico e, desta maneira, conseguir transpor os conhecimentos teóricos para a prática clínica. As motivações e expectativas da formação internacional também são estimuladas pelas dificuldades encontradas no mercado de trabalho nacional. Assim, a expectativa de mais e melhores oportunidades de trabalho e, conseqüentemente, maiores salários também está inserida nas motivações que levam o fisioterapeuta a abandonar seu país e investir na formação internacional. De fato, uma recente oportunidade de inserção de fisioterapeutas no mercado, apesar de ainda incipiente e tímida, consiste no cargo de pesquisador e/ou consultor científico em institutos de pesquisa, redes hospitalares e multinacionais, que dão grande valor ao profissional com formação e vivência cultural no país sede de tais empresas. Além das motivações profissionais, a expectativa de crescimento

pessoal pela vivência das tão esperadas (e também inesperadas) situações, de aprender ou aprimorar outro idioma, fazer novas redes de relações pessoais e profissionais, conhecer outros métodos de trabalho e formas de educação, e claro, mergulhar em uma nova cultura são pontos muito positivos para aqueles que não temem sair da sua zona de conforto e tem resiliência para encarar todas as faces do novo. No entanto, os desafios encontrados são tão numerosos quanto as expectativas e motivações com a experiência internacional.

Enquanto vivencia novas culturas, o fisioterapeuta que busca ampliar sua formação acadêmica, profissional e pessoal também se defronta com alguns empecilhos, sendo um dos principais a barreira acadêmica. Como uma profissão de nível superior cuja regulamentação ocorreu no Brasil há pouco mais de 50 anos⁵, a formação de fisioterapeutas ainda é heterogênea em todo o mundo. No Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso foram estabelecidas apenas em 2002 com o intuito de equalizar e garantir uma formação profissional global e de qualidade⁶. Apesar de ser um esforço notável, tal iniciativa se aplica apenas a uma igualdade a nível nacional que não se traduz do mesmo modo a nível mundial. Com uma formação heterogênea em todo o mundo, não é incomum que o sonho da formação internacional se torne um grande pesadelo devido a incompatibilidades curriculares e até mesmo o não reconhecimento da formação superior. Como exemplo, até poucos anos atrás, o curso de fisioterapia na Alemanha não era reconhecido como uma formação superior, apenas como uma formação técnica. Desta maneira, fisioterapeutas brasileiros que quisessem cursar um mestrado ou doutorado no país eram obrigados a realizar um exame de equivalência de formação superior e, só depois de aprovados, tinham o direito de ingressarem nos programas de pós-graduação alemães. Tal quadro evidencia que exercer o papel de pesquisador fisioterapeuta no exterior pode esbarrar em disparidades acadêmicas. Revalidar o diploma ou realizar exames para que conhecimentos específicos sejam reconhecidos depende das regulamentações de cada país e requer documentações que em muitos casos dificulta o intercâmbio profissional. Diante das disparidades nas formações profissionais, uma força-tarefa liderada pela *European Respiratory Society* criou uma iniciativa para o desenvolvimento de um cur-

rículo com conteúdo básico ao qual todo estudante de graduação deve ter acesso – na área específica de fisioterapia respiratória, independente da Universidade ou do país no qual se estuda⁷. Tal iniciativa é notável e constitui um exemplo de como o intercâmbio de conhecimento entre estudantes e profissionais do mundo todo é importante para uma formação igualitária e de alto nível. Outra iniciativa neste contexto, mas não específica da fisioterapia, emerge da União Europeia que tem desenvolvido programas para a unificação dos sistemas universitários, como “LMD” (*Licence, Master, Doctorat*) e os ECTS (*European Credits Transfer System*), visando facilitar a circulação de estudantes de pós-graduação entres os países europeus⁸. Assim, aliados a apoios financeiros, os órgãos de fomento deveriam prover também apoio administrativo para auxiliar os pesquisadores em formação a compreender e a transpor as diferenças acadêmicas.

Algumas outras experiências não inseridas nas expectativas do pesquisador estão frequentemente presentes no desafio da formação internacional. Essas, com certeza, não são próprias dos fisioterapeutas, mas de boa parte daqueles que buscam a formação longe de casa. Distante da família e dos amigos, anônimos num mundo desconhecido, diante do despreparo para lidar com o novo, do desconhecimento dos códigos culturais, sociais e do idioma, os pesquisadores frequentemente se deparam com grande mal-estar emocional e psíquico que pode ser fonte de distúrbios mentais, como ansiedade e depressão. Os recursos psíquicos do indivíduo para lidar com o novo, tornam-o mais reativo ao meio externo, e todas as emoções são intensificadas. Assim, é comum tornar-se confiante de desconhecidos. De modo a atenuar o sentimento de isolamento e de não pertencimento ao ambiente, é corriqueira a busca por outros brasileiros ou por outras pessoas que estejam diante dos mesmos desafios e dificuldades, numa crença subjetiva de origem comum que os unem como membros de uma coletividade na qual os símbolos expressam valores, medos e aspirações. Ciente disso, muitas Universidades estrangeiras oferecem também encontros gratuitos e mensais com psicoterapeutas para que o estudante/pesquisador que se sinta intimidado por outros colegas, seja devido a diferenças culturais ou motivações pessoais, possa encontrar suporte psicológico adequado para enfrentar essas e outras situações.

Superadas tais dificuldades, é o momento de se deparar com os benefícios da formação e do aprendizado acadêmico no exterior. Segundo um estudo elaborado pela *Chartered Society of Physiotherapy*⁹, a combinação de experiência clínica e prática baseada em evidências torna o fisioterapeuta um profissional completo¹⁰. Sendo assim, ter a oportunidade de realizar parte da formação acadêmica no exterior acrescenta vantagens sólidas ao currículo do fisioterapeuta como pesquisador. Através da experiência de formação internacional é possível conhecer outros sistemas de ensino, aprendizado e trabalho, conviver com alunos, professores e funcionários de inúmeras origens, formações, experiências e hábitos. Além do fato da possibilidade de obter conhecimento de áreas e temas distintos dos que são pesquisados no Brasil, seja por diferenças geográficas, culturais ou enfoques diferentes dos estudados no país. Desenvolver pesquisa científica em centros de excelências internacionais também propicia o contato com pesquisadores renomados e cria oportunidades de parcerias entre o Brasil e outros países.

Finalmente, após um grande investimento psíquico, profissional e pessoal, o retorno ao Brasil traz grandes expectativas e receios. Os receios são intimamente relacionados com a reinserção do profissional no mercado de trabalho. A expectativa de encontrar um espaço tão restrito, onde a escassez de recurso e incentivo fazem com que realizar ciência de qualidade seja quase um ato de bravura. A formação em laboratórios de excelência, o alto nível de conhecimento adquirido e as inúmeras experiências em sua área de formação não são garantias de sucesso profissional como pesquisador no Brasil. O retorno significa um novo recomeço cheio de incertezas, carregado de tensões. A articulação entre o ensino e a pesquisa conceitualmente defendida nos planos nacionais faz com que ao retornar ao Brasil, o pesquisador busque seguir a carreira acadêmica em universidades públicas ou privadas, uma vez que o caminho mais difundido para o fisioterapeuta continuar como pesquisador é também atuar como docente. No entanto, em um ambiente cada vez mais competitivo, a escassez de vagas em universidades e instituições de pesquisa transforma o cenário dos pesquisadores de competência internacional em

algo desanimador. Mesmo quando empregados, na maior parte das vezes, sendo obrigados a dividir as atenções da pesquisa com a docência, os pesquisadores enfrentam cobranças extenuantes para produção de conhecimento, em um contexto inegável de sucateamento das universidades brasileiras, em que muitas vezes os cientistas se vêem obrigados a financiar suas próprias pesquisas. Em outras palavras, via de regra, o lema do pesquisador brasileiro é produzir muito, em pouco tempo em condições precárias e hostis. Diante deste cenário, muitos pesquisadores com formação internacional acabam atraídos pelas ofertas de trabalho no exterior e desistem de regressar ou permanecer no Brasil. Uma questão contraditória é o fato de que os órgãos de fomento brasileiros investem anualmente centenas de milhões de reais na formação internacional de pesquisadores e, para garantir o retorno científico deste investimento, exigem que o pesquisador permaneça no Brasil por um período equivalente aquele do exterior sem garantir, no entanto, a inserção do profissional no mercado de trabalho. É louvável a iniciativa de enviar ao exterior milhares de pesquisadores, mas sem recursos financeiros, humanos e estruturais em nossas Universidades, corre-se o grande risco de que tanto avanço científico e tecnológico trazido por esses profissionais seja perdido por falta de planejamento e iniciativa pública.

Em suma, a formação internacional do profissional fisioterapeuta é resultado de muita luta, de muitas barreiras ultrapassadas, desafios superados, mas com inúmeras e recompensadoras experiências e uma vasta aquisição de conhecimento. É marcante a diferença na ampliação das visões de mundo após a experiência. Deve-se ter em mente que a competência internacional adquirida não é garantia de sucesso profissional no âmbito nacional, mas tal situação não deve se configurar como um fator desestimulante e sim, deve impulsionar a sociedade a repensar como o Brasil está investindo em jovens cientistas e buscar soluções para modificar essa realidade.

Financiamento

Carneiro MIS, Melo L, Monte-Silva K são financiados pela CNPq (233372/2014-8; 290019/2017-6 e 308291/2015-8).

Referências

1. Lievore C, Picinin CT, Pilatti LA. As áreas do conhecimento na pós-graduação stricto sensu brasileira: crescimento longitudinal entre 1995 e 2014. Ensaio: Aval Pol Públ Educ. 2017;25(94):207-37. doi: [10.1590/S0104-40362017000100008](https://doi.org/10.1590/S0104-40362017000100008)
2. CAPES. Avaliação da CAPES aponta crescimento da pós-graduação brasileira [Internet]. 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8558-avaliacao-da-capes-aponta-crescimento-da-pos-graduacao-brasileira>.
3. CAPESb. Resultados – 2018 [Internet]. 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/resultados-de-editais>
4. Plataforma Sucupira. Cursos Avaliados e Reconhecidos [Internet]. 2018. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaAvaliacao.jsf>
5. Calvalcante CCL, Rodrigues ARS, Dadalto TV, Silva EB. Evolução científica da fisioterapia em 40 anos de profissão. Fisioter Mov. 2017;24(3):513-522. doi: [10.1590/S0103-51502011000300016](https://doi.org/10.1590/S0103-51502011000300016)
6. Bertoncetto D, Pivetta HMF. Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Graduação Em Fisioterapia: Reflexões Necessárias. Cad Edu Saúde E Fisio. 2015;2(4):71-84. doi: [10.18310/2F2358-8306.v2n4p71](https://doi.org/10.18310/2F2358-8306.v2n4p71)
7. Pitta F. Força-tarefa da European Respiratory Society para harmonização da educação na especialidade de Fisioterapia Respiratória: uma iniciativa de abrangência mundial. Rev Bras Fisioter. 2015;19(2):87-8. doi: [10.1590/bjpt-rbf.2014.0094](https://doi.org/10.1590/bjpt-rbf.2014.0094)
8. Charle C, Del Buono L, Gaubert C, Soulié C. Ensino superior: o momento crítico. Educ Soc. 2004;25(88):961-975. doi: [10.1590/S0101-73302004000300015](https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000300015)
9. Rankin G, Rushton A, Olver P, Moore A. Chartered Society of Physiotherapy's identification of national research priorities for physiotherapy using a modified Delphi technique. Physiotherapy. 2012;98(3):260-72. doi: [10.1016/j.physio.2012.03.002](https://doi.org/10.1016/j.physio.2012.03.002)
10. Iles R, Davidson M. Evidence based practice: a survey of physiotherapists' current practice. Physiotherapy Res Int. 2006;11(2):93-103.